

## EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL: EDUCAÇÃO COMO FORMA DE EVOLUÇÃO SOCIAL

Vinicius Da Silva <sup>1</sup>  
Maira Folleto Jost <sup>2</sup>  
Liliana Ferreira <sup>3</sup>  
Catiani Renata Salvati <sup>4</sup>  
Scheila Simone Secretti <sup>5</sup>

### RESUMO

O presente estudo pretende fazer uma reflexão sobre, a educação como forma de metamorfose social, tendo por recorte o Brasil, mais detalhado da ascensão das classes mais desprovida de recursos aos bancos acadêmicos, sendo que a educação é um fato melindroso, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. A educação tida como um direito Constitucional e segurada pela ONU, que estabelece uma série de metas educacionais colocando a Educação para os Direitos Humanos como sendo uma estratégia de longo prazo direcionada para as necessidades das gerações futuras e o desenvolvimento das nações. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, provoca princípios e valores que representam certa visão de mundo e de sociedade. Daí existe muitas concepções e práticas da educação. Não dá para falar de uma educação em geral, separando-a de seu contexto histórico sentido e vivido de cada sociedade. A diversidade é a marca desse movimento de educação social, popular, cidadã, cívica, comunitária, que busca uma sociedade justa e solidaria. O presente trabalho resulta de pesquisa bibliográfica com método dedutivo- analítico.

**Palavras-chave:** Educação, Mudança Social, Evolução Social, Desenvolvimento Social, Educação Popular.

---

<sup>1</sup> Graduado pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande Do Sul- UFRGS- RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho- RS), [viniciusdsp@hotmail.com](mailto:viniciusdsp@hotmail.com) ;

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS-RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho), [mairajost@gmail.com](mailto:mairajost@gmail.com) ;

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS-RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho), [liliferreirabilhan@gmail.com](mailto:liliferreirabilhan@gmail.com) ;

<sup>4</sup> Mestre Tutora Curso de Ciências Sociais Da Universidade do Rio Grande Do Sul- RS (Polo Regional de Educação de Sobradinho- RS) [catianirs@gmail.com](mailto:catianirs@gmail.com) ;

<sup>5</sup> Especialista em Metodologia do Ensino da Arte e Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão e Orientação Escolar. Coordenadora de Polo da UAB - Universidade Aberta do Brasil. Polo Regional de Sobradinho- RS, [scheilasecretti@yahoo.com](mailto:scheilasecretti@yahoo.com) .

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios dos tempos que o conhecimento e a chave da evolução humana, quer seja de como acender uma fogueira a manejar um computador, se destaca e progride o grupo social que detém mais conhecimento.

Nesse sentido dos dias atuais, com a onda tecnológica não se faz diferente, o grupo social, que possui mais conhecimento e domínio deste, se destaca, quer seja, belico, médico ou tecnológico.

Assim, por meio do acesso a educação o indivíduo adquire consciência e sentimento de pertencimento, sem mencionar na alta estima em quanto cidadão, e agente de transformação social, no meio onde vive, Dessa forma a aquisição de conhecimento vai mudar seu ponto de vista, além de lhe fornecer autonomia, frente ao seu meio social.

Nesse norte o presente estudo irá fazer uma reflexão sobre a educação como forma de metamorfose social, tendo por recorte o Brasil, mais detalhado da ascensão das classes mais desprovida de recursos aos bancos acadêmicos, quer seja pelo PROUNI, FIES, SISU. Dessa forma o presente estudo se dará pelo método dedutivo- analítico, ou seja, parte das teorias e leis consideradas gerais e universais buscando explicar a ocorrência de fenômenos particulares. O exercício metódico da dedução parte de enunciados gerais (leis universais) que supostos constituem as premissas do pensamento racional e deduzidas chegam a conclusões, pesquisa bibliográfica. (DINIZ, 2008, p. 01)

## EDUCAÇÃO COMO FORMA DE EVOLUÇÃO SOCIAL

A educação é um fato melindroso, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda

educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, provoca princípios e valores que representam certa visão de mundo e de sociedade. Daí existe muitas concepções e práticas da educação. Não dá para falar de uma educação em geral, separando-a de seu contexto histórico. É preciso qualificar de que a educação que estamos falando, a partir de que ponto de vista. E como todo ponto de vista é à vista de um ponto, precisamos indicar de que lugar, de que território que estamos falando. Toda educação é necessariamente situada historicamente. (GADOTTI, p.01)

A diversidade é a marca desse movimento de educação social, popular, cidadã, cívica, comunitária. Trata-se de uma imensa diversidade que precisa ser entendida, respeitada e valorizada. A primeira impressão que se tem é de desintegração, mas se olharmos o conjunto desta obra, veremos que ela está unida - “cimentada” como diria Antônio Gramsci (1968) - por uma causa comum, chamada pelos movimentos sociais de “outro mundo possível”. Essa diversidade tem em comum o compromisso ético-político com a transformação da sociedade, desde uma posição crítica, popular, política, social e comunitária. Por outro lado, existem visões conservadoras da educação que utilizam a etiqueta da educação popular, comunitária ou social. O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que durou de 1967 a 1985, criado pelo regime militar, dizia utilizar o “Método Paulo Freire”. Paulo Freire não se constrangia com isso, mesmo que achasse muito estranho. Ele chegou a falar de sua pedagogia independente aos técnicos do MOBRAL, pouco antes dele ser extinto, em 1985. Paulo Freire insistia que a “história é três possibilidades” e não determinação. Todo processo educativo é divergente e os, educadores e educadoras, podem incidir sobre essas contradições, intensificando-as no seu interior e transformando realidades históricas. (GADOTTI, p.2, p.3)

Dirigindo-se da origem que a educação é fundamental para a concepção de uma sociedade democrata em suas proporções sociais, ética e política escola vem analisando construir mudanças no paradigma da educação através de seus colaboradores. O homem é um ser incompleto, por essa razão está em constante busca, e essa busca se dá, por meio da educação que deve ser sobretudo um ato de conhecimento e conscientização e que, por si só não leva a sociedade a se libertar da opressão. A escola deve servir como instrumento de conscientização do cidadão, ultrapassando assim, sua função de mera transmissora de conhecimento e lançando-se numa ação social diretamente relacionada à formação do senso crítico, direcionada para a interferência e mudança da realidade social. (PORTO, 2017, p.1)

## UM OLHAR REFERENTE A ESCOLA

A educação deve estar essencial ao amor e a esperança, deve ser verdadeira, independente e coletiva. A responsabilidade social da escola e dos profissionais de educação para o processo de aprendizagem se desenvolve através do relacionamento interpessoal entre escola, professores e comunidade que pensam o currículo de forma a consolidar a escola como unidade do sistema escolar e conseqüentemente proporcionar uma mudança social no sentido de reconstruir uma sociedade mais justa e igualitária para todos, ou seja, as mudanças se fazem a partir da nossa ação cotidiana na realidade concreta de forma que se possa investigar a democracia como início para uma boa convivência humana. (PORTO, 2017, p.1)

A escola é um espelho da sociedade. Os profissionais da educação estão convivendo com situações de violência, agressividade, desrespeito, falta de interesse, indisciplina. Os alunos estão imotivados para uma postura de cidadania, pois em suas famílias, sua comunidade, seu país não vê melhorias e nem respeito à condição humana. A escola não pode ficar distraída a essas questões, ela se depara em meio a tudo isso, consciente de seu importante papel perante a sociedade, ou seja, a formação de gerações para uma sociedade melhor, mais humana, mais cidadã. O papel da escola não é só assegurar o conhecimento intelectual que faz parte de sua grade curricular. Seu papel vai além, cabe-lhe preparar os jovens para o futuro. E, se a intenção é transformar o futuro para uma sociedade mais justa e igualitária, obriga a preparar os educandos para tal, para que não seja apenas um cidadão de papel, mas que saibam serem cidadãos de fato e de direito, em todo tempo e lugar. Ser cidadão não é apenas possuir uma certidão de nascimento, não é só exercer o direito do voto, ser cidadão é muito mais. É ter participação ativa na sociedade, é reclamar quando se obtém um produto estragado reivindicando a troca ou devolução do valor pago, é ter educação de qualidade, é ter atendimento médico sempre que precisar, é ter emprego e salário decente, é ver garantido seus direitos, é também conhecer os deveres inerentes a cada direito. Para que, o educando passe a agir como um verdadeiro cidadão é necessário fazer com que a cidadania seja vivenciada no cotidiano escolar. Isso não é impossível, nem irreal. Muitas práticas precisam ser mudadas, seja pela direção, professores, funcionários, pais e alunos. Exige-se um novo olhar referente ao papel da escola. (PORTO, 2017, p.9-10)

## **PEDAGOGIA SOCIAL DE RUA**

Esta relação entre a sociedade e a educação, por fim resgata crianças e adolescentes que não tem condições de ter um acesso à educação básica. O educador entra não somente para uma educação cognitiva, mas também para uma educação de aspecto social, influenciando de maneira pedagógica e psicológica, essas crianças e adolescentes a superarem os problemas do dia a dia.

Dentre a sociedade brasileira, nota-se diversas maneiras para mudanças nessa educação social, auxiliando cada vez mais crianças e adolescentes. Já que muitas vezes, tem-se a visão de que o espaço da rua é um ambiente de marginalização, impróprio para que alguém aprenda alguma coisa. Assim destaca Albertassi, 2010, “crescesse a real importância de desenvolver uma prática pedagógica não-formal que esteja inserida neste contexto de resgate de crianças e adolescentes de rua, com propostas que levem os mesmo a conhecerem suas possibilidades futuras como cidadão.”

Assim, leciona. Albertassi, 2010, p. 5, que a “(im)possibilidades de inclusão que o objetivo da pedagogia social é o desenvolvimento humano intermediado pela prática educativa sendo seus destinatários os indivíduos ou grupos em situações de conflito social”. Ademais, “esses trabalhos surgiram com a finalidade de melhorar as diferenças de classes sociais, despertando o interesse e resgatar a autoestima destes grupos” os tornando mais autônomos e consciente. Sendo este programa de “desrualização esta pautado em uma educação libertadora, onde procura de forma dialógica, compreender o mundo em que essas crianças e adolescente se encontram, partindo de temas geradores, sendo um dos principais eixos norteadores para as práticas pedagógicas”. Segue lecionando Albertassi, 2010, p.05, que “não propõem apenas técnicas para se alfabetizar ou para se especializar, para conseguir qualificação profissional ou pensamento crítico, e sim, os métodos de educação dialógica nos trazem a intimidade da sociedade, à razão de ser de cada objeto de estudo”. Partindo da reflexão e do “diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-lo, desvendá-lo, ver as razões pelas quais ele é como é, o contexto político em que ele está inserido”.

Assim a pedagogia social de rua faz a provocação “ao grupo considerado excluído, a se inserir em sua sociedade”, indo além “fazendo com que o grupo por si só conheça sua realidade

e busque por meio de uma consciência mais crítica, o despertar e o reconstruir de sua identidade, acreditar e descobrir suas potencialidades promovendo seu crescimento como cidadãos que possuem direitos e deveres para com sua sociedade”. (ALBERTASSI, 2010, p. 05).

Dessa forma “dentro da atmosfera pedagógica, cresce o interesse de pedagogos resgatarem os considerados marginalizados - não por própria culpa, mas sim por uma imposição social de desigualdades - das ruas que são o espaço de sobrevivência dos mesmos”. Sendo que com essa “nova oportunidade do pedagogo de trabalhar em espaços não escolares”, assim a,

pedagogia social de rua, que tem como objetivo descentralizar esses grupos excluídos da sociedade da rua, direcionando-os para outra realidade por meio de práticas pedagógicas que visam a construção de pensamentos mais críticos e que tragam uma melhor perspectiva de vida para os mesmos. (ALBERTASSI, 2010, p.05)

Tocando a função do pedagogo social, “juntar-se a essas comunidades, proporcionando-lhes uma visão mais global, buscando inserir a realidade vivida em novas propostas por meio de uma pedagogia libertadora e dialógica, tornando e transformando esses indivíduos em verdadeiros cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres”. (ALBERTASSI, 2010, p. 08).

## **ACOPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR; A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA COMO EVOLUÇÃO SOCIAL**

Quando a criança entra na escola, ela começa a aprender a enfrentar a vida por conta própria. E, se os pais insistem em intervir nesse processo, só um sai perdendo: a criança ou o adolescente.

A participação dos pais poderia ser maior, pois mesmo que ele não possa ir até a escola, com os filhos em casa, pode participar perguntando o que o filho está fazendo, olhando o caderno, demonstrando interesse pela vida escolar dele.

Perguntar ao filho como foi o dia na escola ajuda-o a sentir que esta é importante para a família, porém, quando isto se torna uma cobrança, transforma-se em um desrespeito à privacidade. Não é necessário ser conhecedor dos conteúdos, basta atenção e acompanhamento durante as tarefas, dando chance para eles relatarem suas atividades, opinar e trocar idéias.

O educando deve sentir-se responsável pelo êxito e pelos fracassos na escola. Muitas vezes por ansiedade ou por necessidade de controle, os pais invadem o espaço escolar, retirando a autonomia de seu filho.

Um dos principais objetivos do dever de casa é ensinar como trabalhar por conta própria. Por outro lado, é muito importante que ele perceba a atenção dos pais nos deveres de casa e também às atividades diárias da escola, sempre respeitando os diversos ritmos de aprendizagem.

O dever de casa é uma das partes integrantes do processo de ensino-aprendizagem e um dos meios de interação família-escola, mas também consiste muitas vezes em um problema para essa relação.

(...) Ao impor aos pais a concepção de que o lar deve ser um lugar para o desenvolvimento explícito e intencional do currículo escolar, obriga-os a converterem as atividades familiares em extensões das atividades de sala de aula, em detrimento de suas próprias opções educacionais e de suas necessidades de lazer e de descanso (...) (CARVALHO, 2000, p.149).

A aproximação dos pais e a escola, cria um ambiente de cumplicidade, de forma que esta não seja apenas o local onde os seus filhos passam o dia, mas um local onde todos podem aprender algo, pois se antigamente (por não haver tanta facilidade de acesso à escola) o processo educativo estava principalmente ligado à família, hoje em dia as crianças passam muito mais tempo na escola, sendo por isso muito importante que eles conheçam o que os seus filhos aprendem, a forma como se relacionam com os educadores e o tipo de trabalhos realizados.

Desta forma, a cada dia torna-se mais importante a relação entre família e escola. Muitos são os ganhos de uma boa relação, ao tratar da relação família-escola ressalta: "uma exposição clara para a família da filosofia da escola e de seus objetivos é de fundamental importância para que uma relação dialógica se estabeleça em base de uma aceitação de princípios de parte a parte. Isso evita muitos mal-entendidos, falsas expectativas e exigências descabíveis." (MACEDO, 1998, p.196).

A escola e a família podem ter papéis diferentes, mas devem trabalhar juntos, pois possuem objetivos comuns. Deve haver confiança mútua, e caso haja dúvidas, resolvê-las com os professores e não com outros pais ou com seus filhos, assim como cabe ao corpo docente procurar a família para esclarecer algum conflito.

Os pais devem observar os professores como seus parceiros, aliados e nunca como seus adversários, pois tanto a família como a escola têm um objetivo comum: preparar

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

os jovens para o convívio social, transformando-os em cidadãos autônomos e independentes (LOURENÇO, 2006, p.10).

Perrenoud (2000, p.121) mostra certa preocupação com isso quando escreve sobre a relação professor-aluno-pais. Ele afirma: “Não é favorável a suas aprendizagens que um aluno vivencie cada dia um conflito de lealdade. Se seus pais não compreenderem ou não aceitarem o que ele faz em aula, irão, verbalmente ou não, minar a confiança de seu filho nos professores”.

A presença da família na escola é essencial para o desenvolvimento do jovem e mesmo do processo pedagógico, pois sua voz, sua crítica construtiva, seu elogio interfere reformulando velhos hábitos.

A questão crucial nesta busca pela participação da família na escola é o tempo, o que frequentemente inviabiliza ou diminui os resultados da possível experiência. Quando realizar a atividade, visto que os pais trabalham e não têm qualquer possibilidade de estar presentes durante o período normal da escola?

É preciso aproveitar todas as oportunidades para valorizar a presença da família, abrir as portas sem dia certo ou hora determinada, promover palestras, reuniões só para eles, sem interferência dos professores, até que se sintam seguros para falar e opinar.

Com este tipo de abertura a escola pode demonstrar a sua razão de ser, a sua validade e o importante papel que desempenha no desenvolvimento das crianças e na interação que se deve desenvolver nas mais pequenas atividades entre os pais e os filhos.

Na relação família/educadores/escola, um sujeito sempre espera algo do outro. E para que haja uma resposta é preciso que sejamos capazes de construir de modo coletivo uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, onde exista uma efetiva troca de saberes.

A construção dessa relação implica em uma capacidade de comunicação que exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir, e para tanto, se faz necessário a competência e o desejo de escutar o que está sendo expresso, bem como a flexibilidade para apreender ideias e valores que podem ser diferentes dos nossos.



A família espera da escola, principalmente respeito pelos conhecimentos e valores que as famílias possuem, evitando qualquer tipo de preconceito e abrindo espaço para a participação dos componentes da família em diferentes oportunidades.

As pessoas que conseguem comunicar-se melhor com as próprias oportunidades que o mundo lhes oferece geralmente tiveram o privilégio do estímulo familiar, impulsionando e apontando a possibilidade de conquistar os próprios sonhos, alicerçando condições para que as pessoas acreditem em si mesmas e ajam com vistas ao sucesso.

Já no caso das famílias que têm se envolvido com a educação dos filhos enquanto cobrança, principalmente da promoção de uma série para outra, e também de comportamento e interação, colocando em plano secundário a motivação, o prazer de frequentar a escola e de aprender, os problemas se agravam.

Como esperar alunos estimulados e envolvidos com o processo de ensino-aprendizagem se a cobrança de resultados é excessiva e o medo de não corresponder às expectativas imobiliza?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tudo que foi exposto, se vislumbra a grande importância sendo que, na atualidade do debate acerca da educação e dos direitos humanos no Brasil justifica as investigações de caráter pluralizado, sobretudo quando o país é marcado por discursos homogeneizadores e transparentemente preconceituosos, como é o caso do que se percebe atualmente no Brasil. Essa discussão implica, ainda, no questionamento do papel da educação na produção das desigualdades nos ambientes educativos, problematizando questões caras à educação, como seu papel emancipador, entre outros. Nesta perspectiva percebe-se que o papel emancipador do indivíduo está relacionado a educação e é o que leva o indivíduo atuar plenamente como ser humano na sociedade moderna.

Esse contexto nos faz perceber que a educação brasileira precisa ser urgentemente repensada, pois a incapacidade de se aparelhar com competência para sua atividade, perpetua atualmente tornando-se seletiva e excludente. Sendo de acesso apenas a um grupo seletivo,

fugindo do seu papel, de mudar a realidade social e do desenvolvimento justo e solidário, preconizado pela carta constitucional e pela ONU.

A educação tida como um direito remete-se ao Artigo 26 da ONU e estabelece uma série de metas educacionais colocando a Educação para os Direitos Humanos como sendo uma estratégia de longo prazo direcionada para as necessidades das gerações futuras. Essa educação para o futuro é essencial e necessita da elaboração de programas educacionais inovadores a fim de fomentar o desenvolvimento humano, a paz, a democracia e o respeito pelo Estado de Direito.

De acordo com os preceitos educacionais analisados pela Organização das Nações Unidas, a comunidade internacional identificou a educação para os direitos humanos como uma estratégia única para o “desenvolvimento de uma cultura universal dos direitos humanos”. Ainda é válido citar, nesta perspectiva da educação como um direito humano, a visão dos pensadores iluministas na configuração da educação que se vivencia atualmente, especialmente no Brasil.

## REFERÊNCIAS

**ALBERTASSI**, Tainá. PEDAGOGIA SOCIAL DE RUA . Disponível em<  
<https://docplayer.com.br/16229085-Pedagogia-social-de-rua.html> > Acesso em: 11 de julho de 2019.

**CARVALHO**, M.E.P.C. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Caderno de Pesquisa*, n.110, jul. 2000.

**DINIZ**, Célia Regina. Metodologia científica. Disponível em:  
<[http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/metodologia\\_cientifica/Met\\_Cie\\_A04\\_M\\_WEB\\_310708.pdf](http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/metodologia_cientifica/Met_Cie_A04_M_WEB_310708.pdf) > Acesso em: 22 julho 2019.

**FREIRE, Paulo.** Educação e mudança. Disponível em: <

[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo\\_freire\\_educacao\\_e\\_mudanca.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_educacao_e_mudanca.pdf)  
> Acesso em: 11 março 2019.

**GHANEM, Elie.** A educação na mudança social: lugar central, lugar secundário e lugar nenhum. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n45/15.pdf> > Acesso em: 11 março 2019.

**LEITE, Roosevelt.** EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL. Disponível em:

<<https://www.recantodasletras.com.br/ensaios/3875134>> Acesso em: 11 março 2019.

**LOURENÇO, C. R. B.** Família e Escola: parceria vital. Brasil. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br>>. Acesso em 15 out. 2007.

**MACEDO, R. M.** A família diante das dificuldades escolares dos filhos. In: *Avaliação Psicopedagógica da criança de zero a seis anos*. Petrópolis: Vozes, 1998. 185-206.

**SANTOS, Euzenia Gregório Dos.** A EDUCAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE. Disponível em; < <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-educacao-as-transformacoes-na-sociedade.htm> > Acesso em: 11 março 2019.

**PORTO, Vera Silvia Pessoa.** A educação tem uma função de mudança social. Disponível em:

< [http://artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_68372/artigo\\_sobre\\_a-educacao-tem-uma-funcao-de-mudanca-social](http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_68372/artigo_sobre_a-educacao-tem-uma-funcao-de-mudanca-social) > Acesso em: 11 março 2019.